

DO IMPRESSO AO DIGITAL: ENTREVISTA COM DIVANIZE CARBONIERI

FROM PRINT TO DIGITAL: AN INTERVIEW WITH DIVANIZE CARBONIERI

Vinicius Pereira (UFMT/PPGEL)¹

Matheus Antunes (UFMT/PPGEL)²

Lívia Bertges (UNEMAT/PPGEn-IFMT)³

Karolaynne Nunes da Silva Santos (UFMT/PPGEL)

1 Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e Licenciado em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado II do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Contato: viniciuscarpe@gmail.com

2 Formado no curso de Letras Português e Francês na Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. É aluno de mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, com a pesquisa intitulada Entre a Poética e o Digital: Crítica e Análise da Instapoesia de Mato Grosso. Contato: matheus.sjr123@gmail.com.

3 Pós-doutora em Ensino de Literatura no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn), do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT), com participação no Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) na Sorbonne Université (SU). Contato: livia.bertges@unemat.br

Resumo: A cena de literatura contemporânea em Mato Grosso vem se expandindo rapidamente nos últimos anos não só nos circuitos do livro impresso, mas também em mídias e espaços digitais. Nesse movimento, assistimos a um crescimento das publicações independentes de textos em prosa e verso de autores do estado em seus perfis em redes sociais. Divanize Carbonieri, escritora nascida em São Paulo, mas residente em Mato Grosso há muitos anos, é uma das autoras contemporâneas que, além de vasta produção impressa, reconhecida pela Academia Mato-Grossense de Letras e outros círculos acadêmicos e literários tradicionais, tem uma presença crescente em redes sociais, especialmente o Facebook, o Instagram e o YouTube. Nesta entrevista, que é parte do projeto “Crítica e preservação da poesia digital mato-grossense” e do Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense, a autora compartilha suas experimentações artísticas com a palavra literária em meio digital e suas impressões quanto ao impacto das tecnologias sobre as formas de escrever e ler literatura.

Palavras-chave: Divanize Carbonieri; literatura digital; redes sociais; Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense; literatura mato-grossense.

Abstract: The contemporary literature scene in Mato Grosso has quickly expanded in recent years, not only in print book, but also in digital media and digital spaces. We are now seeing the growth of prose and verse texts independently published by authors from Mato Grosso on their social media profiles. Divanize Carbonieri, a writer born in São Paulo, but residing in Mato Grosso for many years, is one of the contemporary authors who, in addition to her vast production in print, acknowledged by the Academia Mato-Grossense de Letras and other traditional academic and literary circles, has a growing social media presence, especially on Facebook, Instagram and YouTube. In this interview, which is part of the project “Criticism and preservation of digital poetry in Mato Grosso” and the Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense, this author shares her artistic experiments with the literary word in digital media and her impressions on the impact of technologies on how people write and read literature.

Keywords: Divanize Carbonieri, digital literature, social media, Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense, literature from Mato Grosso.

Introdução

A cena de literatura contemporânea em Mato Grosso é muito rica e vem, nos últimos anos, expandindo-se não só nos circuitos editoriais mais tradicionais – editoras comerciais, livros impressos, concursos e feiras literárias – mas também em mídias e espaços digitais. De um ponto de vista mais coletivo, observamos esse movimento em projetos de zines e revistas literárias online, como a *Tyrannus Melancholicus*⁴, a *Ruído Manifesto*⁵, a *Matacapos*⁶, a *Pixé*⁷, a *JuMTos*⁸ e a *Ikebana*⁹, que, de diferentes modos, têm dado visibilidade e circulação a textos de escritores e escritoras mato-grossenses. Enquanto ações mais individuais, assistimos também a um crescimento das publicações independentes de textos em prosa e verso escritos pelos autores do estado em seus perfis em redes sociais, a exemplo do *Instagram*, do *Facebook*, do *Wattpad* etc.

Diante do crescente volume de material literário de Mato Grosso em redes sociais, uma equipe de pesquisadores da UFMT e da UNEMAT liderada pelo Prof. Dr. Vinícius Carvalho Pereira (UFMT) entendeu que seria necessário estudar e catalogar parte desses textos, compondo o *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense – ALDMT* (2023). Os objetivos atuais do acervo são mapear, analisar, catalogar e divulgar textos literários e/ou artísticos em meio digital feitos por autores nascidos ou residentes no estado de Mato Grosso. O processo de criação do *Acervo*, que foi financiado pela FAPEMAT por meio do projeto “Crítica e

⁴ <https://www.tyrannusmelancholicus.com.br/>.

⁵ <https://ruidomanifesto.org/>.

⁶ <https://www.caioribeiroarte.com/matapacos>.

⁷ <https://www.revistapixe.com.br/>.

⁸ <https://sites.google.com/view/revistajumtos>.

⁹ <https://revista.revistaikебана.com.br/index.php/periodico/index>.

preservação da poesia digital mato-grossense”, é detalhado em seu site oficial: <https://literaturadigitalmt.com/sobre-o-acervo/>.

Trata-se de plataforma de acesso aberto e gratuito, sem qualquer fim lucrativo, na qual se indicam links para poemas, minicontos, fanfics, videopoemas etc. produzidos ou circulados em meio digital em Mato Grosso, apontando para as plataformas online onde estes textos foram criados ou hospedados por seus autores, a exemplo do *Instagram*, *Twitter/X*, *Wattpad*, *Spotify* etc. Para cada texto, foi produzida uma ficha de catalogação, com metadados como título, autoria, ano de publicação online, gênero etc., como num museu online.

Uma rápida olhada no *Acervo* permite constatar a diversidade de textualidades e de autores ali registrados, desde os mais *experientes* – com obras impressas chanceladas pela crítica especializada antes das experimentações digitais mais recentes –, aos mais *jovens* – cujas primeiras publicações se dão já nas redes sociais, onde dependem menos de instituições privadas ou públicas para editoração e circulação de seus textos. Ao primeiro grupo pertencem artistas como Divanize Carbonieri, que tem 8 textos de sua autoria atualmente cadastrados no *ALDMT*, entre videopoemas¹⁰, haikais¹¹ e recitações em podcasts¹².

Divanize Carbonieri é doutora em Letras pela USP

10 Como exemplo, destaca-se “Do amor 925”, em que a própria autora faz a leitura de seu miniconto homônimo. A narrativa em off é acompanhada de trechos retirados de bancos de vídeos, editados com efeitos de distorção e cromatismos. Tal produção está disponível em <https://www.instagram.com/reel/CltiXTjKMD1>.

11 Entre outros, temos da autora no *ALDMT* a série “Haikais com árvores”, que conta com oito poemas, alguns dos quais justapostos a fotografias das plantas, enquanto outros se apresentam adjacentes a desenhos estilizados. Os haikais foram postados em um carrossel de nove cards em que predomina uma paleta de verde, como se observa em https://www.instagram.com/p/Co7Pi_dr-B-.

12 Como exemplo cadastrado no *Acervo*, há o canal de podcast de literatura “Rugido”, no qual constam declamações de poemas de autoria de Divanize Carbonieri e de autoria de terceiros. O canal pode ser acessado em <https://podcasts.apple.com/us/podcast/rugido/id1516211119>.

e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT, em Cuiabá. É autora de dez livros, entre eles, *Entraves* (poesia, 2017), contemplado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura; *Passagem estreita* (contos, 2019), finalista do Prêmio Jabuti; *A ossatura do rinoceronte* (poesia, 2020), vencedor do Prêmio Flipoços; *Nojo* (contos, 2020) e *Nave alienígena* (contos, 2022). Integra o Coletivo Literário Maria Taquara, ligado ao Mulherio das Letras – MT.

Como parte das ações do projeto “Crítica e preservação da poesia digital mato-grossense”, estão previstas não só a organização do *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense*, mas também entrevistas com escritores cujos textos sejam arquivados nessa base de dados. Nesse sentido, a equipe do projeto entrevistou Divanize Carbonieri em 04/10/2023 e compartilha, por meio desta publicação, importantes insights da escritora sobre sua produção na cena literária contemporânea, especialmente no que concerne aos espaços digitais.

Entrevista com Divanize Carbonieri

ENTREVISTADORES – Divanize, vamos dar continuidade à sequência de entrevistas do projeto “Crítica e preservação da poesia digital mato-grossense”. Você é a terceira entrevistada entre os escritores que têm textos catalogados no *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense – ALDMT*, que está para ser lançado em breve. Pensando nisso, nossa primeira pergunta para você é: Como é ser escritora e experimentar com as potencialidades que o digital e as redes sociais permitem? São como molas propulsoras? Como isso afeta o seu processo de criação?

Divanize Carbonieri (DC) – Obrigada pelo convite e parabéns pelo projeto tão bacana! A rede social em que eu tenho mais desenvoltura é o Facebook¹³, justamente porque é aquela onde você pode escrever textos maiores, e eu gosto disso. Ultimamente, não tenho escrito muito, mas há fases em que eu escrevo bastante. Escrevo os meus sonhos ali e funciona como meu *diário de Sonhos*. Hoje em dia, quando eu quero lembrar de algum sonho que tive, eu volto ao Facebook, porque sempre começo essas postagens com “Sonhei...”. Daí, eu coloco “sonhei” no campo de busca e eu vou olhando os sonhos que estão registrados lá. Só que o Facebook está se esvaziando, talvez por uma questão geracional. Então, é para pessoas da minha idade, pessoas mais velhas... Pessoas mais jovens já saíram de lá ou nunca entraram. Agora eu percebo que mesmo essas pessoas mais velhas vêm abandonando o Facebook, e o Instagram cresceu bastante nesse tempo. Eu não gosto muito do Instagram, mas eu o uso também. Fui convencida a usar o Instagram¹⁴, porque me falaram que era bom para a poesia, e eu percebi que é mesmo. Se você posta um texto curto ali no formato de imagem, tem uma boa visualização, mas eu normalmente só entro lá, posto alguma coisa e saio. Não sou muito de navegar no *Instagram*... Até que agora navego um pouquinho mais do que antes, mas não tanto quanto no *Facebook*. Tem algumas coisas no *Instagram* que eu não sei fazer. Por exemplo, *stories*: o que eu sei fazer é só compartilhar. E antes não dava para compartilhar muitas coisas pelo *notebook*.

13 Perfil de Divanize Carbonieri no Facebook: <https://www.facebook.com/divanize>.

14 Perfil de Divanize Carbonieri no Instagram: <https://www.instagram.com/divanizecarbonieri/>.

ENTREVISTADORES – Você tem uma preferência, então, pelo computador de mesa, em vez do celular?

DC – Eu não sei digitar tão bem no celular. Recentemente eu fui à cidade de Juína para uma oficina de escrita criativa. Eu fui com a Nelly Winter¹⁵, dei a oficina de manhã e ela deu à tarde. Então, eu fiquei assistindo à dela, e ela falava assim: “Não quero que ninguém use celular. É para usar o papel”. Os jovens ficaram desesperados [risos]. Mas eles digitam muito rápido no celular, é praticamente como a gente digitando no notebook. Então, eu acho que, para essa geração que está no ensino médio, é melhor escrever direto no celular. Eu acho que é a pessoa que tem que escolher, né? Tem gente que gosta ainda de escrever à mão, tem gente que prefere o computador e tem gente que consegue escrever no celular. Eu não consigo muito escrever no celular, só no computador. Quanto às outras redes, como o *Twitter*, eu até entrei durante as eleições e movimentei um pouquinho lá, mas também não acho muita graça. Tenho *TikTok* também, mas devo ter só dois vídeos lá.

ENTREVISTADORES – E quais são seus recursos preferidos no *Instagram*? Por exemplo, a música na postagem, ou o enquadramento do poema?

DC – Às vezes, quando vou postar um poema, eu não capricho muito e só coloco um fundo colorido ou preto e branco, porque, de qualquer forma, você tem que transformar aquilo em uma imagem. Mas, quando estou com paciência, faço algum tipo de composição visual usando o *Canva*, mas bem simples. Eu tenho

¹⁵ Drag queen, escritora e podcaster de Mato Grosso.

uma conta profissional no *Canva*, que é uma mão na roda e não foi tão cara. Na verdade, se não me engano, foi uma única parcela; não é como aquelas plataformas que você tem que ficar pagando todo mês. Não sei direito se é isso mesmo, mas me parece que sim. E é muito bom porque você pode usar vários recursos que não estão disponíveis quando só tem a versão gratuita. O *Canva* é o meu sonho de quando eu era jovem, fazia a Faculdade de Artes Visuais, e tinha toda essa questão das Artes Gráficas, mas era tão difícil... Você tinha que ter um computador, mas não era todo mundo que tinha. Além disso, tinha que ter os programas, ou acesso aos programas hackeados. Acho que não se falava “hackeado” na época; era “pirateado”. E nem todo mundo tinha. Então, você precisava fazer um curso e aprender, mas não era todo lugar que tinha. E os cursos eram caríssimos. Lembro que fiz um curso de *Illustrator* numa gráfica superchique lá em São Paulo, a Gráfica Takkano. Era caríssimo, mas eu consegui fazer, só que depois não tinha o *Illustrator* para usar no computador. E daí, perdi o curso.

ENTREVISTADORES – Você já tinha, então, esse interesse por algo mais visual, como graduada em Artes Visuais. E como a sua experiência como uma graduada em Artes Visuais afeta esses textos seus que têm uma imagética e que vão circular como imagens?

DC – Eu não sei se eu tenho essa preocupação, não. Tenho que estar com muita vontade de fazer, senão, eu só coloco no fundo branco alguma coisa e pronto¹⁶. Por exemplo, se quero postar um poema no *Instagram*, vou lá, faço um quadrado, boto

¹⁶ Exemplo de poema da autora postado no Instagram com poucos recursos de diagramação e fundo predominantemente branco: <https://www.instagram.com/p/CNulBaRFhL8/>.

uma cor e é isso. Mas, com o *Canva*, realmente é diferente. Antes, quando eu não tinha o *Canva* pago e só dispunha daquela versão gratuita que todo mundo tem, eu usava um outro programa, o *Photofiltre* – aquele que a gente usava lá no *Ruído Manifesto*. Eu usava o *Photofiltre* pirateado, mas, depois de trocar de notebook, não consegui mais usar essa versão. Aí, passei para o *Canva*, que foi o sonho da minha juventude. Se eu imaginasse, quando tinha a idade de vocês, que era possível ter um programa acessível e intuitivo, que eu pudesse manusear tão facilmente, acho que eu não acreditaria. Outra coisa é o vídeo: eu tenho aquele programa de vídeo, *Videomaker* ou *Movavi*. Eu comprei a licença, que é vitalícia, então você paga uma vez e pode usar para sempre. Pode usar ainda vários outros aplicativos e baixar as atualizações. Isso é ótimo: são coisas que, alguns anos atrás, não dava para fazer de jeito nenhum (e nem mesmo imaginar). E tem os bancos de imagens e vídeos gratuitos, ainda que careçam um pouco de imagens brasileiras. Isso me lembra de quando eu fui fazer um vídeo¹⁷ baseado no conto “Sinal de vida”, da Larissa Campos, que era ambientado em um posto de gasolina. Naquele conto, especificamente, as personagens saíam do posto de gasolina e iam até uma telefônica que existiu em Mato Grosso, em anos anteriores. Eu queria uma imagem que representasse algo de um posto de gasolina brasileiro e de uma telefônica brasileira, mas nesses bancos de imagens a maioria eram recursos estrangeiros. O telefone público nos Estados Unidos é totalmente diferente do telefone público no Brasil. E até essa entidade da telefônica, como um lugar no centro da cidade aonde se vai para telefonar e comprar uma ficha, não existe lá fora. Então, eu penei para achar

¹⁷ “Sinal de vida”, vídeo de Divanize Carbonieri baseado no conto homônimo de Larissa Campos: https://www.youtube.com/watch?v=mZUnW66ZX_A.

fotos que pudesse usar, que tivessem um pouco mais a ver com a nossa cultura. Nesses bancos de imagens ainda faltam imagens brasileiras; já tem, mas muito menos do que as estrangeiras.

ENTREVISTADORES – Você tem um trabalho de videopoemas que remedeiam textos de outros autores, como, por exemplo, do Fábio Adriano Nantes¹⁸, ou da Mara Magaña¹⁹, entre outros. Como se dá esse processo? E como você interage com os autores dos textos originais? Como surge esse processo de ler e produzir novos poemas a partir dessas releituras?

DC –Se vocês entrarem no meu canal [do YouTube]²⁰, os primeiros vídeos com o *Movavi* são desastrosos. Eu não tenho paciência de ler manual, então eu vou fazendo, mexendo, descobrindo e acabo gostando. Mas, como são milhões de ferramentas, que você não sabe direito para que servem, vai descobrindo aos poucos. No começo do meu canal, os vídeos tinham muita rebarba, e eu não sabia tirar. Não que os vídeos de hoje sejam maravilhosos, mas já estão bem melhores, pelo menos no domínio do programa. Eu fui aprendendo e descobri que dá para gravar direto o áudio, no mesmo programa do vídeo, e dá para melhorar muito a qualidade da voz e do som. Em alguns, eu mesma gravei o som²¹, mas eu não gosto muito; prefiro quando a pessoa grava o áudio e me manda. Eu usei também durante um

18 “Contragolpe” releitura em videopoema, por Divanize Carbonieri, do poema homônimo de Flávio Adriano Nantes: [https://www.youtube.com/watch?v=bH2Z3V\\$0XcY](https://www.youtube.com/watch?v=bH2Z3V$0XcY).

19 “Recado”, releitura em videopoema, por Divanize Carbonieri, do poema homônimo de Mara Magaña: <https://www.youtube.com/watch?v=20hl4DeGevM>.

20 Canal do YouTube de Divanize Carbonieri: <https://www.youtube.com/@divanizecarbonieri4323>.

21 Exemplo de videopoema cuja recitação é feita por Divanize Carbonieri – “Limpeza”, baseado no poema homônimo de Lígia Sávio: <https://www.youtube.com/watch?v=X72bAUUmflM>.

tempo os programas de voz artificial²². Eu acho isso o máximo. Não gosto tanto de fazer a parte da minha própria voz lendo porque é um pouco mais trabalhoso.

ENTREVISTADORES – E quais são esses programas de voz artificial? Como você teve acesso a eles?

DC – É tudo gratuito, né? Eu não vou lembrar o nome agora, porque faz um tempo que eu não estou fazendo vídeos. Só que, gratuitamente, não tem também muita variedade de voz em português brasileiro. Tem duas vozes masculinas e duas femininas; em alguns vídeos, eu coloquei uma voz com sotaque português para variar. Talvez na versão paga haja mais variedade. Eu gosto de usar voz artificial, mas os autores e autoras não gostam [risos]. Eu acho normal, mas eles ficam chateados. Por exemplo, pode estar escrito “janela” [pronunciada com o som aberto do E], e a voz artificial fala “janela” [pronunciada com o som fechado do E]. Ela não pronuncia exatamente todas as palavras igual ao modo como a gente pronuncia, mas é algo tão pequeno... Na verdade, é um ruído que dá um significado interessante. E eu tinha um cuidado, porque existe uma extensão limitada de texto que ela pode ler e, se você preenche o espaço todo ali, fica muito mecânico mesmo. Então, eu tinha cuidado de ir quase que frase a frase, para dar uma aparência mais natural. Eu acho legal que fique um pouco artificial, mas as pessoas ficam chateadíssimas. Elas não reclamam, mas já ouvi falarem assim: “Não leu direito, né?”, “Não está lendo com a pronúncia certa”. Por isso, eu parei de usar a voz artificial quando se trata de textos de outras pessoas.

²² Exemplo de vídeo feito por Divanize Carbonieri, com recitação por voz sintetizada por computador – “O melhor bloquinho de carnaval”, baseado em trecho do conto homônimo de Tayná Meirelles: <https://www.youtube.com/watch?v=F9e0v5WXdyU>.

ENTREVISTADORES – Mas é um tipo de experimento que surge espontaneamente? Você está lendo por fruição, gosta do texto e resolve produzir esses vídeos?

DC – Às vezes sim. Em outras ocasiões, as pessoas me mandam um áudio com a leitura do poema delas pelo WhatsApp, independente se eu vou usar ou não. Às vezes, eu não vou usar para fazer um vídeo, mas elas gravam uma leitura e me mandam mesmo assim. Às vezes, eu mesma peço, quando quero fazer um vídeo de um poema ou um conto de alguém. Tem que ser um poema ou uma narrativa curta, porque funciona melhor até um minuto. Lá no canal [do YouTube], tem alguns vídeos com três minutos, mas, além de serem trabalhosos demais, não funcionam. Acaba que as pessoas não vão assistir até o final.

ENTREVISTADORES – No canal, você acompanha o número de visualizações? Como você faz essa gestão?

DC – Não faço, porque o canal é bem pequeno. Mas, de vez em quando, acontece uma surpresa. Uma vez eu peguei um poema do Catulo e fiz um vídeo²³. Nessa época, eu ainda não reproveitava trechos de outros vídeos, eu usava só fotos. Daí, escolhi várias fotos em bancos de imagens gratuitos e, depois que terminei o vídeo, na hora de escolher a miniatura, selecionei a foto de um rapaz de aparência meio asiática, só que vestido como um grego antigo. Ele estava com louros na cabeça e, se não me engano, em uma pose sensual, mas não demais; aparecia um pedaço do dorso dele só. E, de repente, esse vídeo teve 4.000 visualizações, principalmente da Tailândia, da Indonésia, da

²³ Videopoema de Divanize Carbonieri baseado no poema 8 de Catulo: <https://youtu.be/PqrAgMExm4?si=-VhvHjLBUM0FzIWZ>.

Índia etc. Em alguns contextos, o YouTube consegue dizer o gênero da pessoa que está acessando. No caso desse vídeo, eram praticamente 90% de usuários masculinos. Eu fiquei pensando e demorei para entender o que que estava acontecendo. Então, alguém me falou: “é porque o vídeo tem uma imagem sensual, então devem ser homossexuais que acham que o vídeo vai trazer mais alguma coisa pela imagem”. Para nós brasileiros, isso é tão inocente, mas, dependendo da cultura, é uma baita exposição: você tem um pedaço do corpo à mostra, e esse rapaz tinha o fenótipo de alguém desses países.

ENTREVISTADORES – Será que houve uma identificação com a imagem?

DC – É algo inexplicável. Tinha um vídeo também do Eduardo Mahon²⁴, que narrava o poema “Um certo cansaço do mundo”, de autoria dele. Eu gosto desse poema dele, então pedi para ele gravar para mim a leitura em voz alta. Ele gravou e eu coloquei no canal [do YouTube]. Fiz tudo com imagens de leões, mas não lembro exatamente por que que eu escolhi o leão e não outro bicho. Esse vídeo não chegou a ter a mesma quantidade de acessos que aquele do Catulo, mas teve 500 visualizações. Eu falei para o Eduardo: “É porque tem muita gente que segue você nas redes. Você compartilha, o pessoal vai lá e assiste”. Ele respondeu: “Mas eu nem compartilhei” [risos]. Eu não sei também por que que o dele teve tanta visualização: deve ser o terceiro vídeo com mais acessos no meu canal. É meio inexplicável. Também aconteceu uma outra coisa muito interessante logo no começo do canal, quando não tinha ainda o *Movavi*. Tem um 24 “Um certo cansaço do mundo”, releitura em videopoema, por Divanize Carbonieri, dopoema homônimo de Eduardo Mahon: <https://youtu.be/LjYskev2dBo?si=DGTxOyqY0zQwo5L7>.

vídeo lá do meu poema “Úvula”²⁵, que é uma animação que quem fez não fui eu, foi uma moça no Rio Grande do Sul, que é a irmã do professor Fernando Zolin. De repente, esse vídeo tinha 700 visualizações. Quando fui olhar, encontrei um comentário assim: “Vídeo sem noção, não ajudou nada”. Acho que falava até um palavrão. “Não ajudou nada com o meu problema de inchaço”. Eu achei interessante, porque a pessoa talvez não soubesse que aquilo era um poema. Ela devia estar com algum problema na úvula, algum inchaço, e foi procurar a informação no *YouTube*, mas caiu naquele vídeo por causa do título. Achei interessante a perplexidade [risos]. Então, eu penso que muitas pessoas foram pelo tema úvula e acabaram caindo lá. Eu deletei esse comentário, mas não deveria ter deletado, né? É interessante, mas eu deletei.

ENTREVISTADORES – Você tem algumas postagens recentes sobre cursos de escrita criativa usando Inteligência Artificial. Como foi essa experiência? Como você selecionou essas inteligências? Como foi a aceitação pelo público?

DC – Foi uma série de oficinas-relâmpago que fiz esse ano mesmo durante uns três meses, porque eu queria ganhar uma certa prática. A gente vem desenvolvendo oficinas de escrita criativa em projetos de extensão da UFMT e eu fiz também um projeto de pesquisa sobre escrita criativa. As oficinas foram um laboratório, e uma delas usou a inteligência artificial. Eu comecei a brincar com o Chat GPT alguns meses depois que ele chegou ao Brasil e achei divertido. Se você pedir ao Chat GPT para ele escrever qualquer coisa, ele vai escrever algo banal, então, para

²⁵ “Úvula”, releitura em videopoema, por Divanize Carbonieri, do poema homônimo de sua autoria: <https://www.youtube.com/watch?v=b-ql7hK80V0>.

um escritor ou escritora que se preze, realmente, não vai servir. Você não vai escrever sua obra-prima no Chat GPT. Eu não sei bem como tive a ideia; acho que vi uma propaganda no *Instagram* sobre um livro para usar o Chat GPT na escrita criativa e eu já estava pesquisando sobre escrita criativa. Daí, eu comprei esse livro, e o autor diz que, se você pedir para o Chat GPT escrever, vai ser muito ruim, mas você pode usá-lo com prompts como se fosse um brainstorming, o que normalmente você faria com o papel e a caneta. O que é interessante também do Chat GPT é que existe ali “alguém” que vai conversar com você durante horas sobre o que você escreveu ou está escrevendo, embora as pessoas não aconselhem que você escreva e coloque no Chat GPT os textos que você escreveu. Eu não sei por que é desaconselhável, talvez porque ele responde várias pessoas. E, como ele vai se aprimorando a partir dos inputs que recebe, então, de repente, ele vai usar o seu texto. Mas eu acho que ele vai botar num “liquidificador”. Bem, as pessoas não aconselham que você coloque o seu próprio texto lá, mas é interessante, porque você tem alguém que não se cansa de conversar com você sobre a sua obra. Às vezes, um amigo ou amiga para quem eu mando um texto olha o poema, mas está trabalhando ou estudando naquela hora, correndo para lá e para cá. Aí, a pessoa fala assim: “Ah, amanhã eu leio”. Porém, chega amanhã e ela não lê, porque tem a vida dela. Só que, às vezes, você quer muito discutir aquilo com alguém e, com o Chat GPT, você tem alguém para discutir. Eu estou escrevendo uma história que se passa no futuro e perguntei ao Chat GPT em quanto tempo uma determinada invenção tecnológica seria possível: cinquenta anos? Ele disse que era pouco para aquele tipo de descoberta. Ele não era muito preciso, mas eu coloquei

uma data para essa história a partir das respostas dele. Eu também perguntei a ele ideias de nomes para um dispositivo que a personagem usaria. Às vezes você pede: me dê cinco opções de nomes para esse dispositivo. Se você não gosta de nenhuma, pode pedir mais cinco. Mas às vezes uma opção que ele deu te lembra outra coisa. Por isso, eu acho que é um *brainstorming* mesmo. Não é que ele te dê a resposta; é que, durante essa interação com ele, você vai tirando de dentro de si mesma as ideias. Eu até pedi: me dê uma opção de cena em que aconteça tal coisa; ele dá, só que é uma sugestão ridícula, né? [risos]. Mas, a partir do que ele faz, às vezes você se lembra de alguma outra coisa, ou pede outra sugestão. Então, é esse “alimentar” que vai produzir o resultado que talvez seja satisfatório para você. Talvez não, mesmo com esse contato com o Chat GPT, talvez você não consiga escrever a história de uma maneira que lhe satisfaça. Não sei o que as pessoas esperam da inteligência artificial em termos de escrita criativa, mas ela não vai lhe dar muitas coisas prontas. Mas, na interação, você pode ter alguns insights e ir modulando como se estivesse conversando com um amigo ou amiga, ou lendo um outro livro...

ENTREVISTADORES – Ou andando pela rua e vendo um objeto instigante...

DC – A inteligência artificial sempre existiu, só que ela não era artificial: era humana mesmo. Por exemplo, o escultor Bernini²⁶ tinha um monte de auxiliares que faziam o trabalho para ele, só que ele controlava o processo. Então, o fato de ele ser o autor da obra não significa que tivesse a manualidade total sobre

26 Gian Lorenzo Bernini, escultor e arquiteto italiano barroco (1598-1680).

aquilo. Aquela ainda era uma época de moldagem do mármore, que exigia uma manualidade muito forte, e ele tinha artesãos que faziam isso para ele, mas ele controlava o resultado e os processos. A obra era dele, só que tinha obviamente interferência de outras inteligências ali. Eu me lembro de quando eu estava no primeiro ou segundo ano do curso de Artes Visuais e a gente foi ver uma exposição de um artista chamado Lizárraga²⁷, que sofreu um acidente e ficou tetraplégico. Por conta disso, ele não tinha nenhum tipo de movimento e os trabalhos eram pinturas abstratas, não figurativas. Tinham muita exploração da cor e eram muito bonitas de ver: umas telas imensas, com um campo de cor enorme, mas um quadradinho de outra cor. A impressão era de que aquele quadradinho estava ali flutuando. Minha professora, que era amiga dele, falou que ele tinha controle absoluto sobre o que os auxiliares dele faziam. Então, o fato de ele não colocar as mãos no trabalho não significa que o trabalho não seja dele, ainda que fosse uma pintura.

ENTREVISTADORES – Você tocou em um ponto fundamental: muito dificilmente as produções artísticas são completamente centradas em uma única pessoa, pois fazem parte de redes colaborativas. As redes sociais digitais têm cada vez mais alimentado essa noção de criação coletiva. Como você vê a autoria na sua prática enquanto escritora nas redes? Você é a mesma escritora escrevendo para uma postagem digital e para um livro físico? Você acha que existe alguma coisa que muda? Um *mindset* que muda quando você produz para uma plataforma digital?

²⁷ Antonio Liazárraga, pintor, escultor, designer e artista plástico argentino (1924-2009).

DC – Quando eu não espero muito do texto, eu coloco nas redes sociais, como o *Facebook* [risos]. Por exemplo, eu tinha uma amiga que falava assim, “Ai, você faz essas micro crônicas de *Facebook*”, mas eu não tenho nenhum tipo de presunção de esses textos serem literários. Eu só quero escrever sobre isso, e escrevo. E o pior de tudo é que tem gente que às vezes me encontra e fala assim, “Olha, eu adoro ler as coisas que você escreve no *Facebook*”. Não lê meus livros [risos], mas é influenciado pelas coisas que eu escrevo no *Facebook*, e eu só escrevo bobagem [risos].

ENTREVISTADORES – Então, você acha que o seu trabalho mais sério está fora do digital?

DC – Antes, eu fazia um poema e postava. A Flávia Helena²⁸, minha amiga, falou para eu não postar, pois a maioria dos prêmios exige que a obra não tenha sido publicada. Então, se você coloca muita coisa no *Facebook* ou no *Instagram*, depois não tem material para concorrer. Muitos escritores e escritoras não colocam na internet. Só que é bem difícil escapar da tentação, porque dá muita vontade de postar. Tem esse imediatismo, então é difícil esperar para se inscrever num prêmio ou num edital. Até os editais aqui de Mato Grosso estavam exigindo, então, para postar, você tem que primeiro esperar o resultado do edital. Se saiu o resultado, você pode, mas até lá fica sofrendo com isso, porque, às vezes, você quer uma resposta. O trabalho da escrita é solitário mesmo. Também por isso eu acho que o Chat GPT ajuda um pouco, porque esse feedback que você quer de outras pessoas, mas não pode pedir na rede social, o chat pode dar. Só que muita gente diz que não se deve colocar seu texto no Chat GPT também.

²⁸ Professora de literatura, pesquisadora e autora da peça TRAMA (2013), de O fabricante de textos (2015) e de Sem açúcar (2016).

As pessoas dizem “Ah, porque está pensando só em prêmio”, mas, na verdade, às vezes, o prêmio é uma maneira de você financiar a obra e conseguir que ela seja publicada, porque a gente não tem dinheiro para publicar os nossos livros. Normalmente, é com edital, por isso é preciso atenção nisso; não é que você seja obcecado por prêmio, mas ele é o que viabiliza a publicação. Se não tivesse isso, eu não teria problema em publicar nas redes sociais textos que eu considero mais sérios.

Uma vez eu recebi um convite para participar de uma coletânea, mas a organizadora escreveu que tem um programa capaz de descobrir se você usou inteligência artificial para fazer o texto e que, mesmo se você usar só para a revisão, ela descobre e tira o seu texto da coletânea. Daí, eu fiquei pensando que nesse caso não dá para usar o Chat GPT nem para um brainstorming. Eu perguntei ao Vinícius²⁹ se existe um sistema assim, e ele disse que não conhecia. No meu *Facebook* tem o Alexei, que escreve ficção científica e falou que ele tem um programa assim também. Mas ele disse que testou com uns textos que ele mesmo escreveu (e que, portanto, ele tem certeza de que não foram gerados por uma Inteligência Artificial), e o sistema disse que os textos tinham sido escritos por uma tecnologia, sim.

ENTREVISTADORES – E aí, como é que fica?

DC – Mesmo quando eu uso o Chat GPT, considero o texto totalmente de autoria minha, porque eu tenho controle. Eu posso mostrar a alguém um poema e perguntar “Como é que eu termino? Eu termino assim ou assado?” As pessoas podem dar

²⁹ Professor e pesquisador de literatura digital. Coordenador do Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense.

as sugestões que quiserem, mas eu tenho que decidir, então, se eu estou decidindo, é minha autoria. Com o Chat GPT, vai ser a mesma coisa: nessa interação, ele vai dar *inputs*, mas você é que vai decidir se vai usar ou não.

ENTREVISTADORES – Nos seus perfis nas redes sociais, observamos um número grande de haikais. O que você poderia nos dizer sobre esse gênero na sua obra?

DC – Na pandemia, eu escrevi muito haikai e eu mesma pegava no meu pé, pensando: “Tem que parar de escrever haikai; se for escrever poesia, tem que escrever poesia de verdade”. Os entes japoneses todos vão me matar agora [risos], mas é uma coisa que não é muito levada a sério. Se poesia já não é algo muito levado a sério, imagina o haikai. Na verdade, o haikai é um território contestado: algumas pessoas querem seguir a linha mais tradicionalista e dizem que esse é o verdadeiro haikai; e tem gente que tem uma formação na contracultura e acha que haikai de contemplação não tem graça nenhuma, totalmente ao contrário da visão dos tradicionais. Para esse grupo, o que tem graça é aquele haikai de jogo de palavras, de chiste, à la Millôr Fernandes, ou à la Leminski. Então, eu cansei um pouco dessa briga e, na verdade, gosto de ter liberdade para fazer o que eu quero. Eu acho que a pessoa que quiser seguir a tradição japonesa ou a tradição leminskiana deve seguir a sua vontade. Você quer seguir a tradição? Siga a tradição, mas eu não sou muito de seguir tradição.

ENTREVISTADORES – E como é o seu processo de diagramação dos haikais? É o mesmo dos microcontos que

também encontramos no seu perfil no *Instagram*? Como você escolhe as cores de fundo, das letras e as imagens?

DV – Se você for olhar no meu perfil no *Instagram*, os primeiros textos são só um fundo colorido e o poema. Depois, então, veio o *Canva*, especialmente quando eu comecei a usar a versão *premium*. Aí, você lê o poema, pensa numa imagem e vai atrás. Lá tem milhões de coisas: você pode usar foto, pode usar recurso gráfico, pode usar desenho. Fica mais divertido, né? E mexer com a imagem também é algo que descansa um pouco a mente e me absorve. O haikai também absorve muito, é quase como um jogo, porque você precisa ter uma imagem em um espaço muito pequeno. O processo de fazer a imagem caber nesse espaço muito pequeno faz você ficar dias, horas: você vê e o dia passou. O trabalho com as imagens é um pouco assim também: ele absorve. Eu tenho um livro de haikais, que foi feito durante a pandemia. Ele está pronto, mas eu gostaria de transformá-lo em um livro em que o texto tivesse um diálogo com a imagem, que tivesse um trabalho gráfico, de uma forma que fosse satisfatória para mim. O meu outro livro de haikais sobre cavalos³⁰ tem ilustrações de outra pessoa que são interessantes, mas eu queria aprofundar mais, mas isso também esbarra em várias coisas.

ENTREVISTADORES – Mudando um pouco de assunto, você já experimentou publicar em formato *e-book*?

DC – Os meus primeiros livros de poesia eu queria publicar como *e-book* e deixar em alguma plataforma gratuita para acesso. Eu não

³⁰ CARBONIERI, Divanize. Carga de cavalaria: haicais encavalados. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

tenho vontade de reimprimi-los porque ninguém compra livro de poesia, então você gasta para fazer um livro e não tem retorno com ele. Não tenho interesse em reimprimir esses livros, só que eles estão esgotados, e eu acho que seria interessante eles ficarem disponíveis em algum lugar. Eu preparei, no ano passado, uma antologia reunindo poemas tirados dos meus quatro livros de poesia. Não são todos os poemas, é uma seleta, mas que também esbarra na questão do financiamento. As pessoas às vezes me procuram e querem o livro X ou Y e eu não tenho mais, pois estão esgotados.

ENTREVISTADORES – É interessante pensar as relações que as publicações digitais vão estabelecendo com os livros impressos nessa contemporaneidade.

DC – A nova geração está muito na internet, publicando online, mas em geral não tem esse interesse pelo livro físico. Porém, é interessante pensar que alguns autores e autoras dessa geração, como a Ryane Leão e a Rupi Kaur, vão na contramão: têm toda essa vida na internet, mas ainda buscam o livro físico. Não sei, talvez, se como uma legitimação.

ENTREVISTADORES – Alguns são convidados por editoras a publicarem impresso o que já produzem nas redes sociais. É o mercado editorial compreendendo que a internet permite outras formas de monetização, especialmente porque essas autoras já têm um público antes mesmo de o livro ser publicado.

DC – As editoras sabem que esse é um nicho que vende: livros de *YouTubers*, de celebridades, *Instagrammers*... É isso que vende bastante agora, ainda que o público às vezes não saiba

que aquilo é poesia. Muitos consomem, acham legal, mas não ficam preocupados se aquilo é um poema, um livro, um perfil no *Instagram* com poemas etc.

ENTREVISTADORES – É possível observar nesses perfis comentários às postagens do tipo “Nossa, isso que está escrito é exatamente o que eu vivo, mudou minha vida”. São comentários que não são da ordem da textualidade ou do lirismo, e sim da identificação com a temática. Os comentários não são especificamente sobre a obra poética. Muitos são apenas marcações de outros usuários.

DC – Isso tem a ver com aquele livro do Todorov, *A Literatura em Perigo*, em que ele discutia como o ensino da literatura, nas escolas da França, estava muito técnico e muito formalista para quem está em formação. Isso afastava da literatura os leitores e as leitoras jovens, porque a tornava algo muito difícil, sendo que o interessante para a maioria das pessoas que não vão ser críticas literárias é buscar a literatura pelo sentido. Que sentido aquela obra vai ter na sua vida? Como ela vai ajudar a enfrentar alguma situação? No caso de autoras como Ryane Leão³¹ e Rupi Kaur³², eu acho que é isso: elas conseguiram pegar a ideia da literatura pelo sentido. Eu acho interessante e, talvez, seja o principal.

ENTREVISTADORES – E como você vê a importância das revistas digitais para a formação da nova geração de escritores e leitores em Mato Grosso? Como você tem feito as Antologias no Ruído Manifesto dentro dessas práticas literárias no digital?

31 <https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao/>.

32 https://www.instagram.com/rupikaur_/.

DC – Eu fiquei como editora da *Ruído Manifesto* de setembro de 2018 até final de 2020. Depois, entrei na revista *Ser MulherArte*³³ e fiquei um pouquinho mais, mas interrompi, porque era muita coisa: eu não estava dando conta mais de fazer aquilo e as outras coisas que eu precisava. Foi uma experiência maravilhosa, não só para eu ter contato com essas pessoas, mas para ficar mais conhecida também. As pessoas que liam a revista acabaram me descobrindo e descobrindo o meu trabalho. A gente tinha dois tipos de publicação: as de convidados e as voluntárias, que as pessoas mandavam por e-mail. No caso de submissões de voluntários, cada editor ou editora fazia a sua triagem e publicava. Acho que 80% das pessoas que enviavam eram pessoas bem jovens. E, na maioria, homens. As mulheres, muitas vezes, ainda têm receio de mandar; são mais autocríticas, talvez. Os homens têm mais coragem. Então, para a mulher, ser uma escritora é uma conquista também. Já a *Ruído Manifesto* se tornou um grande arquivo. Os meus cursos na pós-graduação são sobre pós-colonialidade e decolonialidade, então eu comecei a pensar como trabalhar nessa vertente, que envolve a valorização das coisas locais, se a maioria dos estudantes não conhecem, por exemplo, a literatura mato-grossense. Então, eu começo a aula perguntando: Quem já leu? Quem conhece? Lê o quê? Muito poucos estudantes já leram alguma coisa de Mato Grosso e são pessoas que já estão no Mestrado e no Doutorado, professores e professoras. Então, em um curso que ministrei no primeiro semestre deste ano, eu propus uma atividade em que cada estudante ia ler um conto mato-grossense e apresentar para a classe, e depois tinha que fazer uma pequena análise desse conto. A ideia é fazer uma publicação para docentes do ensino médio

33 <http://www.sermulherarte.com/>.

com essas pequenas análises que foram feitas. Eu peguei entre 70% e 80% dos contos na *Ruído Manifesto*. O resto eu peguei na *Pixé* e no *Tyrannus Melancholicus*. Então, os três grandes sites e as três grandes revistas digitais aqui de Mato Grosso formam um acervo, de modo que você disponibiliza o link para o estudante, ele clica e já tem acesso imediato. Eu acho a *Ruído Manifesto*, a *Pixé* e o *Tyrannus Melancholicus* um arquivo maravilhoso, e agora tem o *Acervo* de vocês também.

ENTREVISTADORES – Você poderia nos falar um pouco sobre as antologias que organizou na *Ruído Manifesto*?

DC – Não sou mais editora, mas neste ano eu perguntei ao Wuldson³⁴ se poderia ter uma coluna para divulgação da literatura mato-grossense. Comecei organizando a *Antologia do Conto Mato-Grossense*, em duas partes. É uma lista de contos acompanhada de pequenas sinopses. Depois fiz uma *Brevíssima Antologia do Haikai Mato-Grossense*, com 12 haikaístas do estado, mas cada um com um haikai só, para não ficar grande demais. Não tem todos os autores e autoras que trabalham com haikai aqui: eu tentei fazer de um jeito que ficasse bem diverso, tanto em estilo de haikais, como de pessoas (de vários lugares, etnias e gêneros). Ainda assim, faltou gente por duas razões: o espaço limitado e o fato de que eu não conheço todos os autores e autoras que trabalham com haikais em Mato Grosso. O haikai é muito trabalhado no estado e não sei se as pessoas têm noção disso.

³⁴ Wuldson Marcelo é escritor, diretor de cinema e editor da Revista eletrônica *Ruído Manifesto*. É autor dos livros de contos *Subterfúgios urbanos* (2013, Editora Multifoco: RJ), *Obscuro-shi: contos e desencontros em qualquer cidade* (2016, Carlini e Caniato: MT) e do livro infanto-juvenil *As luzes que atravessam o pomar e outros contos* (2018, Carlini e Caniato: MT). Escreveu e dirigiu os curtas-metragens *Se acaso a tempestade fosse nossa amiga, eu me casaria com você* (2015) e *A garota que existiu dentro de um mistério* (em pós-produção).

ENTREVISTADORES – Em termos de produções em meio digital, vimos também que você tem um conjunto de leituras no podcast *O Rugido*.

DC – O Vinícius [Carvalho Pereira] compartilhou no *Facebook* dele essa publicação do Acervo, daí, eu fui olhar eu vi: “Nossa, é mesmo! Eu fiz esse podcast³⁵ no Spotify”. Tem alguns poemas ali que eu li, mas, muito poucos. Eu acabei não dando continuidade.

ENTREVISTADORES – Era tão organizado que tinha uma vinheta para cada leitura. Como foi esse processo de produção?

DC – Eu nem lembro mais. Acho que eu pegava essas vinhetas em bancos gratuitos. Tem para tudo: banco de imagem gratuita, de música gratuita, de vinheta gratuita, de som gratuito... Às vezes, você quer o som de um rojão, e tem lá. Eu pego bastante coisa, mas mais imagens. A gente tem que agradecer às pessoas que criam e alimentam esses bancos. Tem estúdios, inclusive, especializados nesse segmento.

³⁵ Podcast “Rugido”, de Divanize Carbonieri: <https://podcasts.apple.com/us/podcast/rugido/id151621119>.

ENTREVISTADORES – Para finalizar: quem são os autores mato-grossenses que você acompanha em meio digital?

DC – Dá para acompanhar o Caio [Ribeiro]³⁶ pelas redes, a Marli [Walker]³⁷. Tinha uma época em que ela usava bastante para imagens e, às vezes, texto. Tem o Odair de Moraes³⁸ também, só que ele é bem mais novo que eu. Eu até falei para ele: “Odair, tem que publicar os haikais no *Instagram*, você está publicando só no *Facebook*”. Ele tinha *Instagram*, mas com pouquíssima postagem. O Eduardo Mahon³⁹ publicava bastante coisa, mas ultimamente, não tem publicado tanto. E, das meninas do Coletivo Literário Maria Taquara, quem publica mais é a Tayná Meirelles⁴⁰, que é a própria *Instagrammer* [risos]. Então, eu acho que não é tanta gente que usa as redes. Para acompanhar mesmo a produção, você tem que ir atrás dos livros.

ENTREVISTADORES – Divanize, agradecemos pelo seu tempo e pelas suas palavras. Aprendemos muito com você!

Referências

ACERVO de Literatura Digital Mato-Grossense. 2023. Disponível em <https://literaturadigitalmt.com/>. Acesso em 20 nov. 2023.

36 <https://www.instagram.com/caiosubindo/>.

37 <https://www.instagram.com/marliwalker/>.

38 https://www.instagram.com/odairdemoraes_/.

39 <https://www.instagram.com/eduardomahon/>.

40 <https://www.instagram.com/taynelles/>.